



Director literario:

A stylized signature in black ink, appearing to read 'Papim', written over a decorative background.

PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

A stylized signature in black ink, appearing to read 'Papusse', written over a decorative background.

PAPUSSE

O SULTÃO CÈGUINHO

OU O AMOR FILIAL

■ ■ Por MIMI GRANDELA ■ ■ Desenhos de E. MALTA ■ ■



BD-UL-AZIZ era um sultão que vivia sempre, na mais completa tristeza.

Era cego, e tinha muito bom coração. Toda a gente o estimava e lamentava não haver cura para aquela doença, pois fôra de um momento para o outro que ele ficara sem vista. Os médicos diziam que era uma doença incurável. Já várias vezes seu filho, o príncipe Mizeza, chamára grandes sumida-

des, mas todas diziam o mesmo.

Consultado o mágico do palácio para ouvir a opinião dele, o príncipe obteve a seguinte resposta do feiticeiro:

—O pai de Vossa Alteza jamais se poderá curar, a não ser que alguém, de sangue real, vá buscar uma água que existe num castelo muito longe daqui; mas, para lá chegar, tem de arrostar muitos perigos.

Mizeza ouviu tudo com atenção e quando o feiticeiro terminou, disse-lhe que defrontaria todos os perigos para curar o pai que tanto amava.

Torrou-lhe o mágico, dizendo-lhe que pensasse primeiro no que se ia expôr.

O príncipe declarou que já tinha pensado e que lhe dissesse o que tinha a fazer.

(Continua na página 4)





A TORRE DO SILÊNCIO

POR Lucila da Silva Rosa

Desenhos de EDUARDO MALTA



os bondosos reis viviam desgostosos por não terem também uma menina.

UM país encantado, onde as flôres tinham a maior florescência e os passarinhos com os seu alegres trinados faziam a delícia das crianças, eram senhores uns reis poderosíssimos. Tinham um filho, o príncipe Roberto, futuro herdeiro da corôa; mas

para admirar pois, além de jóvens, eram: ela de uma rara formosura e éle possuidor das mais nobres qualidades.

Daí em diante, o príncipe Antonino vinha mui-



Passado tempo, já Roberto tinha 16 anos, a rainha encomendou uma menina, que veio de França numa condecinha trazida pelas fadas Mal-me-quer e Bem-me-quer.

Não se pode descrever o contentamento dos reis e da côrte com a vinda da princesinha; imediatamente se organizaram as mais vistosas festas em sua honra, as quais se prolongaram por alguns dias. As duas Fadas foram convidadas para madrinhas da princesa, a quem deram o nome de Rosa-Branca.

Ora no reino visinho, tinha também chegado de França o príncipe Antonino, nascido apenas alguns dias antes de Rosa-Branca.

Quando os príncipes crescêram e frequentavam já as reuniões oficiais das suas côrtes, os reis seus pais levavam-os bastantes vezes a países estrangeiros. Numa destas viagens Rosa-Branca e Antonino viram-se... e amaram-se!—o que não era

tas vezes incógnito ao país de Rosa-Branca, conseguindo vê-la e falar-lhe até.

Entretanto, a Fada Mal-me-quer, tinha projectado casar Antonino com a princesa Maria Helena sua afilhada dilecta, não gostando que a contrariassem nos seus desejos e tecia na sombra a sua teia maldosa, que consistia em desterrar Rosa-Branca para um sítio onde nunca mais Antonino a visse; no entender da Fada, o príncipe não tornando a vêr a sua amada, fácilmente a esqueceria. Como se enganava, a maldosa Fada!

Bem-me-quer, porém, sabendo o que se tramava em volta de Rosa-Branca e Antonino, prometeu a si própria que êles casariam um com o outro. E assim, certa noite, quando o palácio estava imerso no mais completo silêncio, Bem-me-quer fazendo com a sua varinha de condão um pequeno sinal sôbre o leito da princesa, adormeceu-a num sono profundo do qual só acordaria na



ocasião em que Maria Helena desposasse qualquer príncipe seu escolhido.

No dia seguinte, foi o palácio alarmado por uma terrível notícia que, imediatamente, se espalhou por toda a cidade: tinha falecido durante a noite, a princesa Rosa-Branca!

Foi grande a dôr dos pobres Reis e a consternação de todas as outras pessoas.

Enterrou-se nesse dia a jovem e saudável Rosa-Branca cujos funerais foram imponentes.

... ..

A' meia noite desse dia, poderia observar-se (se houvesse alguém que tivesse tal poder) um espectáculo curioso na única sala da torre do palácio real: vindas não se sabe de onde, talvez uma dúzia de lindas fadas alígeras, vaporosamente vestidas de branco, acarretavam, sem cessar, ouro, prata e mais variadas pedras preciosas, enquanto outras se entregavam a não sei que absorvente tarefa. Presidia a toda esta azáfama a Fada Bem-me-quer que só ás 2 horas da madrugada deu por finda a sua obra.

Passados anos, o tempo que tudo cobre com o seu véu de esquecimento, fez voltar ao palácio real o seu antigo esplendor. Sucediam-se as festas e poucos pareciam já recordar-se da triste princesinha, que jazia no seu formoso túmulo azul celeste.

Mas um dia a Fada Bem-me-quer, dirigindo-se aos Reis, disse-lhes: «Senhores! A vossa filha não morreu! Foi por mim adormecida para a subtrair ás iras da invejosa Mal-me-quer, que desejava Antonino, noivo de vossa filha, para a princesa Maria Helena; guardei, então, vossa filha na sala da torre do vosso palácio à qual dei o nome de Torre do Silêncio, pois, apesar de situada sobre o salão nobre, não chega lá o mais leve rumor das festas da vossa côrte. Aprontai-vos, que à meia noite vos virei buscar».

A' hora combinada, os Reis Bem-me-quer e os seus séquitos encaminharam-se para a torre do palá-

cio e, á medida que dela se aproximavam, os seus passos e até as suas respirações deixaram de se ouvir.

Chegados á torre, a Fada abriu a porta com um pequeno e imperceptível sinal da sua varinha de condão. E, então, todos se extasiaram; a meio do quarto, estava um leito prateado, onde as incrustações a ouro e pedras raras eram de uma beleza inexcelsível; o restante mobiliário todo no mesmo género era o que de mais belo se podia imaginar. Por sobre o leito voava constantemente um Cupido cujo vestuário, côr de rosa, era cons telado de diamantes.

Ao mais pequeno sinal da Fada, o Cupido afastando cautelosamente os cortinados do leito, formado por fieiras das mais belas pérolas, mostrou a todos Rosa-Branca.

Esta acordando repentinamente, saltou do leito indo abraçar os Reis, Bem-me-quer e, seguidamente, todos os presentes.

Decorridos uns dias, realizava-se no palácio real a mais formosa e imponente cerimónia até hoje conhecida: a do enlace matrimonial de Rosa-Branca com o príncipe Antonino, que tiveram por



madrinha a boa Fada Bem-me-quer, para cujo palácio encantado, os futuros Reis foram passar a lua de mel.

Dias antes tinha-se também efectuado o casamento da princesa Maria Helena com um nobre da sua côrte.

A Fada Mal-me-quer, quando soube do málogro dos seus desejos, estourou de raiva!

☆ fim ☆



(Continuação da página 1)

O feiticeiro começou mostrando a Mileza todos os perigos que tinha que defrontar desde a sua saída de casa até entrar nela novamente.

Primeiro, continuou ele, há-de aparecer a Vossa Alteza uma linda rapariga que, perguntando-lhe para onde vai, se oferecerá a ensinar-lhe o caminho. Porém não aceite, pois é uma feiticeira que, disfarçando-se em rapariga bonita, para mais depressa o seduzir, leva-lo-há para uma torre donde não sairá mais. Mais adiante, encontrará um cofre cheio de pedras preciosas. Não lhe toque, pois se o fizer cairá, imediatamente, fulminado.

Andando mais, ou por outra, no dia seguinte, avistará o castelo.

A porta do dito, encontrará dois tigres. Eles avançarão direitos a Vossa Alteza. Em vez de matar o maior, mate o mais pequeno que virá na retaguarda, porque será o bastante para o outro amansar e o deixar passar sem lhe fazer mal algum.

Entre sem receio e dirija-se ao jardim do castelo.

Encontrará aí a fonte de água milagrosa e também achará uma surpresa pois se quiser trazê-la, terá que defrontar um novo perigo, ou se o não interessar, deixá-la e traga o que vai buscar.

Mileza agradeceu reconhecido ao velho profeta e mandou apressar tudo para a viagem. Foi-se despedir do pai, sem lhe dizer ao que ia, porque Abd-ul-Aziz tinha uma grande estima àquele filho, que era o único, e, se soubesse ao que ele se ia aventurar, não o deixaria partir.

Arranjando uma mentira, declarou ao pai que ia viajar. Este, em face do motivo alegado consentiu e depois de lhe ter ouvido inúmeros conselhos, partiu sem saber se voltaria ou não.

Como o feiticeiro predissera assim aconteceu. Mileza soube resistir a tudo. Só não resistiu quando viu a tal surpresa que lhe estava reservada.

Era uma encantadora rapariga de 19 anos que ali tinha sido encantada. Só a desencantaria um rapaz que matasse o gigante que, além dos tigres, guardava o castelo.

Mileza ficou tão fascinado com a beleza da rapariga, que resolveu levá-la a fazer dela sua mulher, custasse o que custasse.

Tratou pois, de ir buscar a água e perguntou à donzela se ela queria ir para o reino dele, ao que ela manifestou logo a mais viva satisfação.

Dirigiram-se para a porta do castelo. Quando lá chegaram, em vez do tigre que o príncipe deixara vivo, estava um gigante descomedido.

Irene, que assim se chamava a linda companheira de Mileza, disse-lhe que desembainhasse a espada e que a enterrasse no braço esquerdo do gigante, pois só ferido nesse braço é que ele morreria. Mileza executou prontamente o que Irene lhe tinha dito, e já não era sem tempo, porque o gigante, avistando-os, vinha direito, a eles para os matar.

Depois de mais esta «étape» vencida, dirigiram-se para a estrada onde o príncipe tinha deixado o cavalo.

Quando lá chegaram montaram os dois no mesmo cavalo e encaminharam-se vagarosamente para o reino de Abd-ul-Azis.

Pelo caminho, Mileza, pediu a Irene que lhe contasse a sua história, pedido que ela satisfez imediatamente.

«A minha história é curta e simples. (disse-lhe ela) mas vou satisfazer-lhe a curiosidade.

«Sou filha dum rei do Egipto, e, portanto, princesa como vós sois príncipe.

Meu pai tinha outra filha, minha irmã Emília. Era esta muito má para mim, e só se não podia é que me não fazia mal.

Esta zanga que ela me tinha, era proveniente do facto de que quem elegia as princesas rainhas, no meu país, era o povo. Este porém, escolheu-me a mim, que era a mais nova, para sua rainha e minha irmã desde esse dia tomou-me uma inimizade tal, que chegou ao ponto de mandar chamar uma feiticeira, para que esta me encantasse ou arranjasse maneira de eu desaparecer.

Um dia, andava eu passeando, sôzinha, no jardim real, quando me apareceu um cão que trazia um bilhete na boca.

Tirei-lho e li o seguinte:

Dirija-se já para o bosque do palácio, pois espera-a aí uma grande surpresa.

Como sou curiosa (defeito de todas as mulheres) dirigi-me para o sítio indicado.

Mal cheguei lá, encontrei realmente uma surpresa, mas muito desagradável.

Era a feiticeira que minha irmã tinha chamado.

Agarrou-me de tal forma que não pude fugir.

Saíu do bosque comigo e subi para uma carruagem que esperava por nós na estrada.

Andámos, andámos até que viemos ter a este castelo onde vós, meu bom príncipe, me desencantastes, e onde a velha me fechou, dizendo que ficaria ali, até que algum príncipe matasse o gigante que me guardava.

E assim se viu livre a minha irmã de mim, podendo ser aclamada sem receio de vir ainda a perder o trono».

Dou por terminada a minha história, pois que o resto já vós sabeis, Mileza.

Agora só desejo ser muito feliz consigo, porque estou farta de sofrer!

Quando a princesa Irene acabou de contar a sua triste história tinham chegado ao palácio real de Abd-ul-Azis.

O príncipe e a princesa apertaram-se e subiram as escadas do palácio muito contentes. Ela, porque tinha sido desencantada e encontrara um noivo bonito de alma e fisionomia, e ele por haver encontrado a cura para o pai e ter feito a felicidade da princesa Irene.

O primeiro cuidado de Mileza, foi ir lavar os olhos do pai com a água bendita.

Logo que o fez, o Sultão deu um grito de alegria. Tinha recuperado a vista.

Agarrou-se ao filho a chorar e pediu-lhe que lhe contasse como tinha conseguido curá-lo. Mileza contou tudo ao pai e pediu-lhe que consentisse que ele casasse com a princesa Irene. O sultão deu o seu consentimento, e, dias depois, realizava-se o casamento dos príncipes com as maiores pompas possíveis.



Vêde pequenos leitores, como devemos amar os nossos pais. Sacrificar até a própria vida, se isso lôr precise.

Por isso Mileza, o príncipe da minha história, encontrou a felicidade que bem merecia pois que, para salvar o pai, teve de arrostar tantos perigos onde poderia ter encontrado a morte.

Sejam, pois, todos muito amiguinhos dos seus Papás e não lhe deem desgostos.

FIM



AVISO

Por absoluta falta de espaço e conveniência de paginação, só no próximo número poderemos dar a conclusão do conto:—HISTORIA DA SARDINHA MOIDA, que tanto agradou aos pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum».



BREVEMENTE:— Sensacionais surpresas!



TIPOS
LISBOETAS

■
Ferro
Velho



■
Por AUGUSTO DE SANTA-RITA
Desenhos de EDUARDO MALTA

— «Ferro velho!... Ferro velho!...»

E o pregão sobe no espaço,
fanhoso, nasal, rouquenho;

— «Ferro velho!...»

Velho velho,

com aspecto de judeu,
perfeito tipo de entrudo,
que faz lembrar um Faz-tudo,
palhaço
do Coliseu.

— «Ferro velho!...» pregão rouco...
e num ar de reboliço,
chapéu de côco ao toutiço,
chapéu alto sôbre o côco;

Tudo posto ás tres pancadas,
como um louco
fugido de Rilhafoles!

Quatro panelas furadas;
na mão esquerda, dois foles;
um varão de ferro sôbre
o ombro direito, e na dextra
uma batuta de orquestra
e uma vasilha de cobre!

•••••
— «Ferro velho!... Ferro velho!...»

E o pregão sobe no espaço
fanhoso, nasal rouquenho:

— «Ferro velho!... Ferro velho!...»

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■

HORA DE RECREIO

MIMI E A SUA BONECA Por MORENITA



Mimi começará por lavar-lhe o roupinha...



...e só a deixará quando estiver em condições de ir para a sala.

Solução do Enigma anterior: 1.º, Leio sempre o «Pim-Pam-Pum». — 2.º, Todos nós somos irmãos. 3.º, Recebam mil beijos da prima Morenita.

PARA OS MENINOS COLORIREM



Grilo, Ralo, Carochinha e bruxa Vassourinha

Por P A P I M
Desenhos de P A P U S S E



Dona Carochinha,
qual Vénus de Milo,
toda vaidozinha,
entre ricas peles
e um belo regalo,
era requestada
por senhor Dom Grilo
e senhor Dom Ralo;
mas, ai, nenhum deles
lhe causava abalo!

De côco e de «frack»
e na mão um «stique»
—Tac... tac... tac... tac...
Tic... tic... tic... tic...
iam atrás dela
pra onde ela ia;
pois, além de bela,
tinha imenso «chico».

Mas, um belo dia,
Dona Carochinha
na rua depara
com sua vizinha
Madame Barata
que ia visitar
a amiguinha Rata.

Muito contentinha,
vendo-a, logo pára;
e, após a saudar,
diz, para a vizinha,
Dona Carochinha,
com um grande ar,
e indicando os dois:

—«Então vou contigo,
se permites, pois

*só assim consigo,
eu livrar-me, já,
dêstes dois senhorês
que são maçadores
como outros não ha! —*

Dom Ralo e Dom Grilo
seguindo-a, apesar
de ouvirem aquilo
que ela alto dissera,
ficaram à espera
de a ver regressar.

Mas, nisto, uma bruxa,
senhora,
vassoura
de saia rodada,
que de todos chucha
e tem a mania
— coitada —
de ser bailadora,
começa a bailar,
a bailar,
e, dando ao rabicho



sem nunca parar,
num virote,
por uma pá-velha,
agarra-os aos dois
pela orelha,
e deita-os, depois,
em certo caixote
do lixo!

FIM